

Jesus e o atributo da onipresença

Gostaria de saber onde a irmã White afirma que Jesus abdicou de um dos atributos divinos (a onipresença) após Sua ascensão ao Céu. Sei que essa dúvida não é ponto de salvação. Entretanto, uma posição definida a esse respeito ajudará a esclarecer alguns membros da unidade da Escola Sabatina de minha igreja quanto ao assunto. J. P. N.

Não conheço referência alguma do Espírito de Profecia que declare que Jesus, ao encarnar, abdicou de Sua onipresença, principalmente ao ascender ao Céu. Há uma afirmação em *O Desejado de Todas as Nações* que, mal interpretada, tem levado alguns a imaginarem que Jesus deixou de ser onipresente. Diz a referida citação: “Limitado pela humanidade, Cristo não poderia estar em toda parte em pessoa. Era, portanto, do interesse deles que fosse para o Pai, e enviasse o Espírito como Seu sucessor na Terra. Ninguém poderia ter então vantagem devido a sua situação ou seu contato pessoal com Cristo. Pelo Espírito, o Salvador seria acessível a todos. Nesse sentido, estaria mais perto deles do que se não subisse ao alto” (pág. 669).

Observe que Ellen G. White é clara em dizer que, por causa de Sua natureza humana, Jesus não poderia estar em toda parte *em pessoa*, isto é, nas condições em que esteve aqui durante os 33 anos em que pisou o chão da Palestina; isso, evidentemente, daria “vantagem”, a alguns privilegiados, de um “contato pessoal com Cristo”. Se Ele não tivesse subido ao Céu, permanecendo em algum local da Terra, teríamos que ir a esse local para desfrutarmos a Sua companhia. Por mais “romarias” que fossem organizadas, sempre haveria um grande número de seguidores de Jesus que não teriam condição de estar em Sua presença. Todavia, subindo ao Céu, como realmente subiu, e enviando o Espírito, como realmente enviou, este privilégio foi franqueado a todos. Em comunhão com o Espírito Santo, entretemos tão íntima comunhão com Jesus como se estivéssemos ao lado dEle.

Em verdade, a citação acima comprova uma vez mais a natureza divina de Jesus. Realmente são três Pessoas divinas (Pai, Filho e Espírito Santo), mas um só Deus, participando Jesus plenamente da Divindade. Por isso, da mesma forma que através do Espírito Santo o Pai está em todos os lugares, é dito que igualmente o Filho está em todos os lugares. “A gran-

deza de Deus é-nos incompreensível. ‘O trono do Senhor está nos Céus’ (Sal. 11:4); não obstante, pelo Seu Espírito Santo, está Ele presente em toda parte” (*Educação*, pág. 132). Jamais este fato pode ocorrer com as criaturas de Deus. É uma grande impropriedade dizer que, através do Espírito Santo, o anjo Gabriel, por exemplo, está em todos os lugares. Mas isso é dito de Jesus. Louvado seja Seu nome! – José Carlos Ramos, diretor do programa de pós-graduação do SALT, Unasp – Campus Engenheiro Coelho, SP.

É justo?

Como entender II Reis 2:23-25? Eliseu amaldiçoou os rapazinhos, e quarenta e dois deles foram mortos. É justo? **A. L.**

A ascensão de Elias tinha sido um acontecimento fora do comum. Os rapazinhos, no entanto, queriam transformá-lo num motivo de zombaria e escárnio. “Sobe, calvo! sobe, calvo!” Ao pronunciarem estas palavras, estavam desrespeitando não só o sucessor de Elias mas, principalmente, Aquele que o havia escolhido como Seu mensageiro e profeta. “O terrível juízo que se seguiu foi de Deus.” – *Profetas e Reis*, págs. 235 e 236.

Foi injusto o castigo? Ellen White esclarece:

“Tivesse Eliseu permitido que a zombaria passasse despercebida, e teria continuado a ser ridicularizado e insultado pela turba, e sua missão para instruir e salvar em um tempo de grave perigo nacional poderia ter sido derrotada. Este único exemplo de terrível severidade foi suficiente para exigir respeito pelo resto de sua vida. Durante cinquenta anos ele entrou e saiu pelas portas de Betel, e andou de um para outro lado em sua terra, de cidade em cidade, passando pelo meio de multidões indolentes, rudes e dissolutas de jovens; mas nenhum o injuriou ou fez caso omisso de suas qualificações como profeta do Altíssimo.

“Até mesmo a bondade deve ter seus limites. A autoridade deve ser mantida mediante firme severidade, ou será recebida por muitos com zombaria e desdém. A assim chamada tolerância, lisonja, e indulgência, usadas para com a juventude por pais e responsáveis, é um dos piores males que lhes pode sobrevir. Em toda família, firmeza, decisão, exigências positivas, são essenciais.” – *Ibidem*.

